

Comunidades ribeirinhas e palmeiras no município de Abaetetuba, Pará, Brasil

C. M. Germano¹; F. C. A. Lucas^{1*}; A. C. C. T. Martins¹; P. H. B. de Moura¹; G. de J. M. Lobato¹

¹Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Estado do Pará, 66.095-100, Belém-PARÁ, Brasil

*copaldoc@yahoo.com.br

(Recebido em 17 de setembro de 2014; aceito em 13 de outubro de 2014)

O conhecimento das espécies de Arecaceae e das diversas formas de uso por comunidades tradicionais torna-se necessário devido ao valor econômico e sociocultural que representam para esses povos. Esta pesquisa objetivou realizar um estudo etnobotânico das palmeiras em duas comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba-Pará, avaliando sua importância para subsistência bem como valor econômico e sociocultural. Os dados foram coletados por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas, listagem livre e indução não específica com 63 moradores de duas comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba, Pará. Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente, com intuito de estimar a importância das espécies de palmeiras e o consenso de uso entre os informantes. Na análise quantitativa foram calculados os índices de diversidade total de espécies (SDtot), equitabilidade total das espécies (SEtot), valor de importância (IVs), valor de diversidade de uso (UDs), valor de consenso de uso (UCs) e índice de saliência. As 22 espécies identificadas foram distribuídas em oito categorias de uso, com destaque para alimentação, construção e comércio, principalmente de frutos e utensílios. *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. (inajá), *Euterpe oleracea* Mart. (açai), *Manicaria saccifera* Gaertn. (palheira), *Mauritia flexuosa* L.f. (miriti) e *Raphia taedigera* (Mart.) Mart. (jupati), obtiveram maiores índices de diversidade de uso. O açai foi a espécie de maior valor para os moradores, confirmando a hipótese de que o uso de palmeiras é influenciado principalmente pela importância social, cultural e econômica que uma espécie representa para os moradores e não está relacionada com o número de usos que a mesma apresenta.

Palavras-chave: Arecaceae. Comunidades ribeirinhas. Conhecimento tradicional.

Riverine communities and palms at Abaetetuba, Pará, Brazil

The knowledge of Arecaceae species and of the several forms of use by traditional communities become necessary due to the economic, social and cultural values they represent to these populations. This research aimed to conduct an ethnobotanical study of two palm trees in riparian communities in the municipality of Abaetetuba Para, assessing its importance for subsistence and economic value and sociocultural. The data were acquired by using participant observation, semi-structured interview, free list and nonspecific induction with 63 inhabitants of two riverine communities placed in Abaetetuba, Para state. The data was analyzed quantitatively and qualitatively, with the aim to estimate the importance of the palm species and the consensus of use among the informants. In the quantitative analysis some levels were calculated: species total diversity (SDtot), species total equitability (SEtot), importance value (IVs), use diversity value (UDs), use consensus value (UCs) and level of salience. The 22 identified species were distributed in eight categories of use, outstanding the alimentation, construction and trading, especially for fruits and gadgets. *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. ("inajá"), *Euterpe oleracea* Mart. ("açai"), *Manicaria saccifera* Gaertn. ("palheira"), *Mauritia flexuosa* L.f. ("miriti") and *Raphia taedigera* (Mart.) Mart. ("jupati"), obtained higher levels of diversity use. Açai was the most valuable species for the inhabitants, besides it has obtained number of uses citations lower than miriti, confirming the hypothesis that the use of palms is mainly influenced by the social, cultural and economic importance that a species represents to the inhabitants, not being related to the number of uses that this species represents.

Keywords: Arecaceae. Riverine communities. Traditional knowledge.

1. INTRODUÇÃO

A família Arecaceae tem distribuição predominantemente pantropical, incluindo cerca de 2700 espécies, distribuídas em 240 gêneros [1,2]. No Brasil, são 423 espécies, distribuídas em 46 gêneros, tendo a região amazônica o maior número de espécies listadas com aproximadamente 173 [3].

Das palmeiras verificam-se vários potenciais para usos, como alimentação, construção de casas, combustível, confecção de utensílios para o cotidiano, artesanato e medicinal [4]. A variedade de utilidades que estas plantas apresentam é fundamental na subsistência dos povos indígenas, e, até hoje, para os povos tradicionais; outras são economicamente importantes no mercado mundial [5]. Devido aos produtos oriundos deste grupo de plantas, populações locais, frequentemente, têm um conhecimento altamente sofisticado sobre quais espécies possuem propriedades úteis [6].

Balick [7] destacou que as palmeiras são consideradas espécies indicadoras da presença do homem em uma determinada área, em decorrência das práticas agrícolas e de manejo para variados fins. Por auxiliarem no estudo das relações entre a diversidade biológica de uma determinada área e a sua heterogeneidade nas possibilidades de usos Manzi e Coomes[8]; Nascimento et al.[9]; De La Torre et al. [10], alertam para a necessidade do manejo adequado deste grupo de planta, visando sua sustentabilidade.

Estudos feitos em comunidades indígenas na América do Sul [11,6] e no estuário amazônico [12, 13, 14, 15] destacaram as formas de manejo das palmeiras no dia a dia das populações locais. Nestes trabalhos, *Euterpe oleracea* Mart. (açai), *Mauritia flexuosa* L.f. (miriti), *Astrocaryum vulgare* Mart. (tucumã), *Manicaria saccifera* Gaertn. (bussu) e *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. (inajá) estão entre as mais mencionadas, distribuídas principalmente nas categorias alimentação, artesanato, construção e medicinal.

Dentre as populações tradicionais que tem seus modos de vida pautados no manejo dos recursos vegetais, estão as que vivem nas florestas de várzea do estuário amazônico, regionalmente denominados ribeirinhos, os quais são detentoras de saberes associados ao uso de espécies encontradas predominantemente nesses ambientes [14].

Baseado na ampla variedade de usos que as espécies da família Areaceae apresentam, em especial para populações que habitam as áreas de várzea da região amazônica, este trabalho objetivou realizar um estudo etnobotânico das palmeiras em duas comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba-Pará, avaliando a importância destas para a subsistência da população local e o valor econômico e sociocultural que representam.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

As comunidades estudadas foram Rio Urubueua de Fátima e Nossa Senhora dos Anjos e estão localizadas no conjunto de 72 ilhas que formam o município de Abaetetuba, Pará (01° 43' 24" Sul e 48° 52' 54" Oeste). Essas ilhas estão situadas na confluência do rio Tocantins com o rio Pará, no estuário do rio Amazonas, cuja várzea é coberta por sedimentos aluviais de formação recente (holoceno) [16]. O ambiente das comunidades é predominantemente formado por vegetação típica de planície de inundação (florestas de várzea), destacando-se o açai (*Euterpe oleracea* Mart.) e o miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.).

Seleção dos informantes

Os entrevistados foram selecionados por amostragem não probabilística, utilizada quando não há intenção de generalizar os dados para todos os membros do universo amostral [17], uma vez que não foi possível obter a informação do número exato de moradores em cada comunidade. Os informantes foram indicados pelos métodos Bola de Neve [18], e com o auxílio de uma terceira pessoa, que foi escolhida como a informante principal [19].

Coleta de dados

Os objetivos e aspectos relacionados à pesquisa foram inicialmente apresentados aos moradores durante reunião com os líderes de cada comunidade e, após a leitura do projeto, foi assinado o Termo de Anuência Prévia (TAP), em concordância com a execução da mesma.

A coleta de dados prosseguiu nos meses de maio, julho e setembro de 2012 e janeiro e março de 2013, totalizando cinco viagens, com três visitas em cada comunidade. As informações foram obtidas com base nas técnicas de Albuquerque et al. [19], que incluem observação

participante, entrevistas semiestruturadas, listagem livre e indução não específica. Os questionários semiestruturados aplicados durante as entrevistas foram divididos em duas partes: 1) socioeconomia e 2) identificação das espécies de palmeiras conhecidas, seus usos e aplicações.

Coleta do material botânico

As espécies citadas nas entrevistas foram coletadas em duplicata nas áreas de sub-bosque ao redor da moradia ou no terreno situado em área mais afastada. Posteriormente, foram incorporadas no Herbário João Murça Pires (MG), do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará.

A preparação do material botânico seguiu o Guia de Coleta para Palmeiras de Dransfield [20]. Os nomes científicos foram confirmados e atualizados na base de dados da Lista de Espécies da Flora do Brasil [3].

Organização e análise dos dados

A importância das espécies e a relação planta – ser humano foram avaliadas quanto a diversidade total de espécies ($SD_{tot} = 1 / \sum P_s^2$), equitabilidade total das espécies ($SE_{tot} = SD_{tot} / n$), valor de importância ($IV_s = n_i / n$), valor de diversidade de uso ($UD_s = 1 / \sum P_c^2$), valor de consenso de uso ($UC_s = 2n_s / (n-1)$) (Byg; Balslev, 2001) e índice de saliência [21].

Os usos mencionados para as espécies foram classificados de acordo com categorias de uso éticas, quando as mesmas são baseadas no ponto de vista de outros autores [22].

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As comunidades estudadas

A comunidade Rio Urubueua de Fátima pertence ao PAE São Francisco (Projeto de Assentamento Agroextrativista), localizado na Ilha Rio da Prata e Nossa Senhora dos Anjos ao PAE São Raimundo, situado na ilha Sapucajuba. Nestas comunidades, as casas são de madeira, construídas em palafita e adaptadas ao regime de inundações dos rios. Não há saneamento básico ou coleta de lixo, o qual é queimado ou enterrado nos quintais.

Em Rio Urubueua de Fátima há apenas um posto de saúde, que funciona em condições precárias de infraestrutura e atendimento. Em Nossa Senhora dos Anjos o espaço destinado para o atendimento de saúde é melhor, recebendo visita semanal de um médico e/ou enfermeiro, bem como de medicamentos.

Ao todo foram entrevistados 63 moradores, sendo 32 em Rio Urubueua de Fátima (21 eram homens e seis mulheres), e 31 em Nossa Senhora dos Anjos (12 homens e 14 mulheres). A faixa etária dos informantes variou entre 22 e 76 anos. A principal fonte de renda nas duas comunidades é por meio do extrativismo vegetal (principalmente do açaí) e animal (pesca de peixes).

As palmeiras

Foram identificadas 22 espécies de palmeiras, distribuídas em oito categorias de uso (alimentação, artesanato, comércio, construção, medicinal, utensílios), sendo 22 em Rio Urubueua de Fátima e 19 em Nossa Senhora dos Anjos. Totalizando 706 e 843 citações de uso, respectivamente (Tabela 1). As oito categorias contemplaram 131 usos diferentes em Rio Urubueua de Fátima e 147 em Nossa Senhora dos Anjos.

Tabela 1. Espécies citadas pelos informantes das comunidades Rio Urubueua de Fátima e Nossa Senhora dos Anjos, suas categorias de uso e o número de citações por espécie. a: alimentação; ad: adubo; art: artesanato; c: construção; co: comércio; m: medicinal; u: utensílio; uc: uso místico. R.U.F: Rio Urubueua de Fátima; N.S.A: Nossa Senhora dos Anjos.

Espécie	Etnoespécie	Categoria de uso		Categoria de uso		Voucher
		R.U.F	N.S.A	R.U.F	N.S.A	
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Mucajá	a	a	4	4	MG 204272
<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru	a	co a;art;	5	1	MG 204266
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumã	a	co a; c;	17	31	MG 204265
<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart. <i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Inajá Urucuri	a; c; u a	co; u --	36 1	27 --	MG 204262 MG 204267
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Pupunha	a; co	a; co	16	9	MG 204273
<i>Bactris major</i> Jacq.	Marajá	a	a; co a; co;	2	6	MG 204277
<i>Cocos nucifera</i> L. <i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton	Coqueiro Carnaúba	a; co; m art; m	m --	32 4	33 --	MG 204269 MG 204271
<i>Desmoncus orthacanthos</i> Mart. <i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Jacitara Dendê	co; u a	u a a; ad;	16 6	7 1	MG 204261 MG 204275
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	a; ad; c; co; m; u	c; co; m a; c;	187	179	MG 204258
	Açaí branco	a; co; m	co; m	25	59	MG 204278
<i>Geonoma baculifera</i> (Poit.) Kunth	Ubim	c; u	c a; c;	4	2	MG 204270
	Palheira; Palha do	c; co; m.	co;			
<i>Manicaria saccifera</i> Gaertn.	Bussu	u	m; u a; art;	59	79	MG 204264
		a; art; c;	c; co;			
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f. <i>Mauritiella armata</i> (Mart.) Burret	Miriti Caraná	co; u a; c; u	u a; c; u	165	215	MG 204263 MG 204274
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Bacaba	a; co	a; co a; c;	22	28	MG 204259
<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Patauá	a; co	co	13	52	MG 204276
<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabí	a	--	1	--	MG 204671
		a; art; c;	a; c;			
<i>Raphia taedigera</i> (Mart.) Mart. <i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H.Wendl.	Jupati Paxiúba	co; u c; m; u; u; m	co; u co; u c	68	73	MG 204268 MG 204260

Para Zambrana et al. [23] os efeitos de fatores socioeconômicos e ecológicos no conhecimento e utilização das palmeiras atuam de forma diferenciada, tanto sobre as diferentes espécies, quanto do tipo de utilização que se faz delas, uma vez que a preferência e uso por determinadas plantas estão relacionados com a necessidade de cada grupo humano.

A maioria dos moradores relatou que o uso de palmeiras já foi mais frequente em tempos passados, por seus pais e avós. A facilidade em adquirir mercadorias em estabelecimentos comerciais modificou os hábitos e comportamentos locais. Em tempos pretéritos, as casas eram construídas com o caule do miriti, jupati, paxiúba, e do próprio açaí, do qual faziam paredes, assoalho e esteio. Além disso, as folhas da palmeira e/ou ubim faziam a cobertura das casas.

A preferência pela compra de materiais em substituição ao uso das palmeiras deve-se geralmente à dificuldade na coleta das folhas e do caule. Este fator foi observado nos entrevistados de todas as faixas etárias, que preferem adquirir produtos já beneficiados visto à facilidade na compra e aquisição dos mesmos. O pouco uso que se faz dos recursos naturais foi discutido por Anyinam [24] como uma possível perda do conhecimento tradicional. Para Ladio e Lozada [25] a perda do conhecimento deve ser interpretada em função das rápidas mudanças do modo de vida das populações, que passam a buscar outros meios de sobrevivência.

Quanto aos índices de diversidade de uso total (SDtot) e equitabilidade total (SEtot), em Rio Urubueua de Fátima os resultados foram de 6,68 (SDtot) e 0,30 (SEtot) e para Nossa Senhora dos Anjos os valores foram 7,28 (SDtot) e 0,38 (SEtot). Esses resultados são expressivos se comparados com os obtidos por Araújo e Lopes [26] em levantamento realizado com moradores do entorno da Usina Hidrelétrica de Tucuruí-Pará, que encontraram 3,38 (SDtot) e 0,125 (SEtot). Esta divergência nos valores pode ser atribuída ao fato de que a população investigada em Tucuruí era imigrantes, com 44% dos entrevistados provenientes da região nordeste. Nessa pesquisa, o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) concentrou o maior número de citações, pelo fato de ocorrer em abundância nos locais de origem dos informantes, diminuindo a diversidade e a homogeneidade dos usos de espécies na referida localidade.

Comparados com os resultados encontrados por Zambrana et al.[23] no Peru e Bolívia, onde os índices encontrados foram 18,55 (SDtot) e 0,49 (SEtot), observa-se que os valores se distanciam consideravelmente dos obtidos (6,68 e 0,30; 7,28 e 0,38) nas duas comunidades estudadas no município de Abaetetuba. Esta diferença pode ser explicada pelo menor número de entrevistados nas duas comunidades aqui estudadas (32 e 31), e pelo menor número de palmeiras citadas nesta região (22), se comparado ao trabalho de Zambrana et al.[23], que entrevistaram 278 pessoas e inventariaram 38 espécies de palmeiras.

Dentre as espécies citadas, a de maior diversidade de uso (UDs) foi açaí, com valores de 3,74 em Rio Urubueua de Fátima e 3,72 em Nossa Senhora dos Anjos, com equitabilidade de uso (UEs) igual a 1,00 em ambas as comunidades. Este índice reflete sua importância para a subsistência dos moradores. Por ser a principal espécie consumida na alimentação diária de todos os entrevistados, e também contribui significativamente na renda mensal dos informantes. Além da alimentação e comércio, o açaí também é utilizado em outras categorias de uso (adubo, construção, medicinal e na produção de utensílios), reforçando ainda mais o seu valor para as comunidades.

Apesar de terem sido reportados um número menor de usos para o açaí (18 e 20) em comparação com o miriti (27 e 32), o açaí também obteve maior valor de importância (IVs), atingindo 0,91 e 1,00 nas localidades, respectivamente. Foi mencionado como a espécie mais importante por quase todos os entrevistados. Isto mostra que a percepção de importância dos informantes sobre um dado recurso não é determinada simplesmente pelo número de usos, mas também por fatores culturais [26], alimentares e financeiros.

Em contraste a esta afirmação, Byg e Balslev [27] afirmaram que muitos estudos etnobotânicos relataram que a importância de uma planta é dada principalmente em função de quantas maneiras diferentes ela é usada. Quanto mais se usa, mais importante é a planta. Esta divergência para a explicação da importância de cada espécie pode estar relacionada com as suas características, exigências ecológicas e/ou dos conhecimentos e dos interesses de quem as cultiva [28].

Além do açaí outras quatro etnoespécies também mostraram alto índice no valor de diversidade de uso (Tabela 2), diferindo apenas nas categorias em que obtiveram maior representatividade. Segundo Zambrana et al. [23] os índices elevados obtidos para os valores de uso, diversidade e equitabilidade de algumas palmeiras está relacionado com a quantidade de pessoas que as mencionam, atribuindo a elas um maior número de utilizações.

Tabela 2. Espécies com maiores índices de diversidade de uso (UDs) e equitabilidade de uso (UEs) nas comunidades Rio Urubueua de Fátima (R.U.F.) e Nossa Senhora dos Anjos (N.S.A.).

Etnoespécie	Citações de uso		UDs		UEs	
	R.U.F	N.S.A	R.U.F	N.S.A.	R.U.F	N.S.A
Inajá	36	27	1,33	1,48	0,36	0,4
Açaí	187	179	3,74	3,72	1	1
Açaí branco	25	59	2,78	2,46	0,74	0,66
Palheira	59	79	2,19	2,81	0,58	0,76
Miriti	165	215	3,66	3,65	0,98	0,98
Jupati	68	73	1,54	2,17	0,41	0,58

Os valores de consenso de uso (UCs) para estas espécies foram expressivos (Tabela 3), confirmando a concordância entre os informantes com relação à utilidade das mesmas. No entanto, as demais palmeiras reportadas (15 em Rio Urubueua de Fátima e dez em Nossa Senhora dos Anjos) obtiveram valores baixos (negativos) para este índice, variando entre -0,938 e -0,161, o que significa que entre essas espécies não há concordância significativa quanto aos seus usos. Segundo Byg e Balslev [27] e Araújo e Lopes [26] os valores negativos indicam que muitas espécies são usadas por poucas pessoas ou não são usadas, e que a maior parte dos informantes usa um número reduzido de espécies.

Tabela 3. Valores de consenso de uso (UCs) sobre as espécies entre os informantes das comunidades Rio Urubueua de Fátima (R.U.F.) e Nossa Senhora dos Anjos (N.S.A.).

Etnoespécie	Número de informantes		UCs	
	R.U.F	N.S.A	R.U.F	N.S.A
Inajá	23	23	0,438	0,484
Açaí	32	31	1,000	1,000
Açaí branco	12	27	-0,25	0,742
Palheira	26	28	0,625	0,806
Miriti	30	31	0,875	1,000
Jupati	28	27	0,75	0,742

Com o índice de saliência verificou-se que o açaí é uma espécie muito importante, obtendo valores igual a 1,00 (um) em ambas as comunidades. Este resultado refere-se aos múltiplos usos atribuídos ao açaí, especialmente como a principal fonte de alimentação e renda dos entrevistados, evidenciando a relação de dependência dos moradores. Para Vendruscolo e Mentz [29] quanto mais usos forem mencionados para uma espécie, maior importância ela terá para a comunidade.

Uso e etnoconhecimento

A categoria alimentação foi a que obteve maior número de citações, representando 37% em ambas as comunidades, seguida por comércio (16% em Rio Urubueua de Fátima e 20% em Nossa Senhora dos Anjos), construção (17% em ambas), utensílio (17% e 13%) e medicinal (7% em ambas).

Alimentação

Subdividida em alimentação humana e animal, as etnoespécies indicadas para esta categoria foram açaí branco (40 citações), tucumã (45), coco (46), bacaba (46), patauí (52), inajá (53), açaí (99) e miriti (138). A vasta utilização do miriti na alimentação se dá pela variedade de comidas que podem ser produzidas a partir do fruto, oferecendo aos moradores das duas

comunidades estudadas mais uma opção para a complementação da dieta, principalmente no período de entressafra do açaí (entre os meses de março e julho).

Araújo e Lopes [26], também encontraram que o fruto é a principal parte consumida, seja na forma *in natura*, cozida ou o vinho. Albán, Millán e Kahn [30] encontraram 136 espécies de palmeiras em levantamento etnobotânico feito no Peru, onde a categoria alimentação totalizou 59% dos usos citados.

Segundo Nascimento et al. [9] a utilização destas espécies na alimentação pode ser potencializada na época de menor disponibilidade de recursos, entre as safras nas roças e quintais, tornando-se ainda mais importante durante a estação seca.

Construção

Para construção, destacam-se o açaí, miriti, palheira ou bussu, paxiúba e caranã, cujos usos mais frequentes são a fabricação de ponte e porto, com o estipe das palmeiras, e a cobertura de casas com as folhas (Tabela 4). Almeida e Jardim [15] em levantamento realizado na Ilha de Sororoca, Ananindeua-Pará, verificaram que o uso para construção é de 34%, tendo o caule como a parte mais usada das espécies de açaí, palheira e caranã. Contudo, apesar do conhecimento das espécies para este fim, devido à resistência e durabilidade da madeira, é reduzido o uso das mesmas para a construção das casas.

Tabela 4. Espécies mais citadas na categoria construção, seus usos e partes utilizadas. as: assoalho e esteio; cc: cobertura de casas; p: ponte; po: porto; R.U.F: Rio Urubueua de Fátima; N.S.A: Nossa Senhora dos Anjos.

Etnoespécie	Citação por comunidade		Principais usos		Parte usada
	R.U.F	N.S.A	R.U.F	N.S.A	
Açaí	47	51	e; p; po	e; p	Caule
Palheira	25	34	cc	cc	Folhas/palha
Miriti	27	36	e; p; po	e; p. po	Caule
Caranã	--	14	--	e	Caule
Paxiúba	15	--	as	--	Caule

O maior contato com os centros urbanos e, conseqüentemente, melhores oportunidades para negociar e obter bens industrializados pode levar a uma erosão do conhecimento indígena, quando produtos tradicionais são substituídos por outros externos [27]. Em relação a este processo Simonian [31] relata que a capacidade intrínseca de resistência das tradições tende a ser vencida pelo poder abrangente da modernidade, em que as populações tradicionais vêm sendo atingidas por transformações de toda ordem.

Comércio

Apesar do açaí, açaí branco, miriti, jupati, palheira e o patauá serem os recursos naturais que mais geram renda aos moradores das duas comunidades, o manejo do açaí, seguido da pesca, são as principais fontes de obtenção de renda. A pesca ocorre principalmente nas famílias que não possuem área para o cultivo da palmeira. O açaí revelou alto valor cultural para as comunidades, tendo sido citado pelos entrevistados durante a listagem livre, como a primeira espécie mais importante, obtendo índice de saliência igual a um.

Os frutos do açaí, açaí branco, miriti e patauá são vendidos *in natura* e do açaí extrai-se também o palmito. No período da safra do açaí vende-se geralmente nove rasas por dia, com capacidade para 30-40 litros, pelo valor de nove reais cada uma. Os frutos do miriti são comercializados no período de escassez do açaí, complementando a renda dos moradores. O patauá é encontrado em maior abundância em Nossa Senhora dos Anjos. A venda desta espécie é feita especialmente para uma empresa de cosméticos, que compra os frutos dos moradores por intermédio do líder comunitário.

Utensílios

O miriti, jupati e a jacitara, foram as etnoespécies citadas para a produção de utensílios, feitos a partir da tala (casca do “braço” ou o pecíolo da folha), da bucha (conhecida como isopor da Amazônia, corresponde a parte interna do “braço”) e da fibra. Com a tala são fabricados paneiros e rasas (tipos de cestos que transportam/armazenam frutos ou sementes), matapi (importante utensílio para a pesca de camarão), tipiti (útil em uma das etapas do preparo da farinha de mandioca e da extração do tucupi) e pari (tipo de cerca colocada nos igarapés para capturar peixes). Paneiros e matapis são produzidos em maior escala por serem de uso contínuo no transporte e armazenamento de produtos.

Santos e Coelho-Ferreira [14] relataram que a importância do paneiro em comunidades ribeirinhas de Abaetetuba deve-se a sua utilidade e expressiva comercialização, uma vez que algumas comunidades do município vivem basicamente desta atividade.

Com a bucha são confeccionadas boias utilizadas no transporte de produtos pelo rio. Das fibras são tecidas cordas e com as folhas são preparadas as peconhas (utensílios que auxiliam a escalada em árvores). Verificou-se que a produção destes materiais ainda é comum entre os entrevistados, ocorrendo de acordo com as necessidades e interesses dos moradores.

Artesanato

No artesanato, miriti, jupati, tucumã e a carnaúba são empregados no artesanato de móveis, tapetes, chapéus, anéis. O miriti destaca-se por se aproveitar quase tudo, principalmente a bucha para a confecção dos famosos brinquedos de miriti, que correspondem à uma tradição do município de Abaetetuba, detalhadamente descrita por Santos e Coelho-Ferreira [14].

Apesar de o artesanato ser uma prática muito marcante no município de Abaetetuba, principalmente no que diz respeito ao uso do miriti, entre os informantes das duas comunidades, esta categoria não apresentou um número expressivo de citações. Isto pode ser explicado pelo fato de os participantes desta pesquisa não terem o artesanato como atividade cotidiana.

Medicinal

Palheira ou bussu obteve os maiores índices de citação, com 31 em cada comunidade. A ingestão do endosperma do fruto foi indicada no tratamento de infecção intestinal, gastrite, anemia e dor de cabeça. Para combater infecções intestinais foi indicado o chá da raiz nova (que apresenta coloração vermelha) das duas variedades de açaí, assim como a ingestão da água de coco.

O uso de palmeiras para o tratamento de doenças também foi verificado por Albán, Millán e Kahn [30], onde esta categoria apresentou 29 registros de uso e estava entre as quatro com maior representatividade.

Outras categorias

Foram citadas duas espécies para dois propósitos específicos: açaí e paxiúba. O açaí foi mencionado 18 vezes em Rio Urubueua de Fátima e 15 em Nossa Senhora dos Anjos para ser utilizado como adubo no cultivo do próprio açaí ou de outras espécies mantidas nos jiraus das casas. Neste caso, todas as partes do açaí são aproveitáveis, desde o estipe, quando a palmeira precisa ser derrubada para limpeza do açaizal, até as folhas, caroços e vassoura (parte que sobra após a retirada dos frutos do cacho).

A paxiúba foi mencionada por apenas um morador da comunidade Rio Urubueua de Fátima, que a indicou para fins místicos a partir de uma receita de chá preparada com a raiz desta palmeira juntamente com as folhas da pimenteira. Com este chá lava-se a rede de pesca, visando “espantar o mau olhado” no momento da pesca. Este uso está ligado às crenças e simbolismos atribuídos a algumas espécies.

4. CONCLUSÃO

Nas localidades pesquisadas o principal uso das palmeiras é na alimentação, sendo um complemento na dieta dos moradores. Esta prática configura um hábito entre as populações das

regiões das ilhas, o qual pode ter sido criado devido a presença abundante destas plantas, da necessidade em se alimentar e, sobretudo, do conhecimento repassado ao longo dos anos sobre determinadas espécies e suas utilidades.

Com relação à manutenção dos conhecimentos ao longo do tempo, percebeu-se que os moradores mais antigos são os maiores detentores de saberes acerca das palmeiras. As gerações mais recentes têm sido influenciadas pela praticidade de obtenção de materiais prontos para o uso em detrimento da produção dos mesmos com a matéria prima da natureza.

Mesmo com a introdução de muitos conceitos e produtos da cultura ocidental no modo de vida dos ribeirinhos das duas comunidades estudadas, o vínculo com os recursos naturais ainda configura um dos seus principais meios de sobrevivência. A maioria dos entrevistados tem seu sustento baseado nestes recursos, com destaque para as palmeiras, importantes na alimentação e na geração de renda das comunidades.

1. Souza VC, Lorenzi H. Arecaceae. In: Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II. 2 ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum. 2008. p. 164-175.
2. Lorenzi H, Hahn F, Noblick LR., Ferreira E. Flora Brasileira: Arecaceae (palmeiras). Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2010.
3. Leitman P, Henderson A, Noblick L, Martins RC. Arecaceae. 2013. In Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/listaBrasil/FichaPublicaTaxonUC/FichaPublicaTaxonUC.do?id=FB53>>. Acesso em: 13 mar 2013.
4. Vormisto J. Palms as rainforest resources: how evenly are they distributed in Peruvian Amazonia? Biodiversity and Conservation. 2002; 11(6): 1025-1045.
5. Clement CR, Lleras Pérez E, Van Leeuwen J. O potencial das palmeiras tropicais no Brasil: acertos e fracassos das últimas décadas. Agrociencias. 2005; 9(1-2): 67-71.
6. Plotkin MJ, Balick MJ. Medicinal uses of South American Palms. Journal of Ethnopharmacology. 1984; 10(2): 157-179.
7. Balick MJ. Ethnobotany of palms in Neotropics. Advances in economic botany. 1984; 1: 9-23.
8. Manzi M, Coomes OT. Managing Amazonian palms for community use: A case of aguaje palm (*Mauritia flexuosa*) in Peru. Forest Ecology and Management. 2009; 257(2): 510-517.
9. Nascimento ART, Santos AA, Martins RC, Dias TAB. Comunidade de palmeiras no território indígena Krahô, Tocantins, Brasil: biodiversidade e aspectos etnobotânicos. Interciencia: Revista de ciencia y tecnología de América. 2009; 34(3):182-188.
10. De La Torre L, Calvo-Irabién LM, Salazar C, Balslev H, Borchsenius F. Contrasting palm species and use diversity in the Yucatan Peninsula and the Ecuadorian Amazon. Biodiversity and Conservation. 2009; 18(11): 2837-2853.
11. Balick MJ. Palmas Neotropicales: nuevas fuentes de aceites comestibles. Interciencia. 1982; 7(1): 25-29.
12. Jardim MAG, Cunha ACC. Uso de palmeiras em uma comunidade ribeirinha do estuário amazônico. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot. 1998; 14(1): 69-77.
13. Jardim MAG, Santos GC, Medeiros TDS, Francez DC. Diversidade e estrutura de palmeiras em floresta de várzea do estuário amazônico. Amazônia: Ciência e Desenvolvimento. 2007; 2(4): 67-84.
14. Santos RS, Coelho-Ferreira M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L.f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. Acta Amaz. 2012; 42(1): 1-10.
15. Almeida AF, Jardim MAG. Utilização das espécies arbóreas da floresta de várzea da Ilha de Sororoca, Ananindeua, Pará, Brasil por moradores locais. Rev. Bras. de Cien. Ambient. 2012; 23: 48-54.
16. Hiraoka M, Rodrigues DL. Porcos, Palmeiras e Ribeirinhos na várzea do Estuário do Amazonas. In: Furtado LG. (Eds). Amazônia: desenvolvimento e qualidade de vida. Belém: Universidade Federal do Pará. 1997. p. 71-101.
17. Spata AV. Métodos de pesquisa: ciência do comportamento e diversidade humana. Rio de Janeiro: LTC, 2005.
18. Bailey K. Methods of social research. 4 ed. New York: The Free Press. 1994.
19. Albuquerque, UP, Lucena, RFP, Cunha, LVFC (Orgs.). Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA (Coleção Estudos e Avanços). 2010. p. 23-37.
20. Dransfield J. A guide to collecting palms. Ann. Missouri Bot. Gard. 1986; 73: 166-176.
21. Ryan GW, Nolan JM, Yoder PS. Successive Free Listing: using multiple free list to generate explanatory models. Field Methods. 2000; 12(2): 83-107.

22. Albuquerque UP. *Introdução a etnobotânica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.
23. Zambrana NYP, Byg A, Svenning JC, Moraes M, Grandez C, Balslev H. Diversity of palm uses in the western Amazon. *Biodiversity and Conservation*. 2007; 16(10): 2771–2787.
24. Anyinam C. Ecology and ethnomedicine: exploring links between current environmental crisis and indigenous medical practices. *Social Sci Med*. 1995; 40(3): 321–329.
25. Ladio A, Lozada M. Patterns of use knowledge of wild edible plants in distinct ecological environments: a case study of a Mapuche community from northwestern Patagonia. *Biodiversity and Conservation*. 2004; 13(6): 1153–1173.
26. Araújo FR, Lopes MA. Diversity of use and local knowledge of palms (Arecaceae) in eastern Amazonia. *Biodiversity and Conservation*. 2011; 21(2): 487-50.
27. Byg A, Balslev H. Diversity and use of palms in Zahamena, eastern Madagascar. *Biodiversity and Conservation*. 2001; 10(6): 951–970.
28. Robert P, Garcés CL, Laques AE, Coelho-Ferreira M. A beleza das roças: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempo de globalização. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 2012; 7(2): 339-369.
29. Vendruscolo GS, Mentz LA. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. *Acta bot. bras.* 2006; 20(2): 367-382.
30. Albán J, Millán B, Kahn F. Situación actual de la investigación etnobotánica sobre palmeras de Perú. *Rev. peru. biol.* 2008; 15 (supl. 1): 133-142.
31. Simonian LTL. Pesquisa em Ciências Humanas e Desenvolvimento entre Populações Tradicionais Amazônicas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém.* 2005; 1(2): 119-134.